

O presente trabalho visa mapear a rede de contrabando de agrotóxicos na região fronteira de Livramento-Rivera. Dedicar-se também a acompanhar a mobilização de associações de produtores de agrotóxicos, em seu investimento no combate ao comércio ilícito, e o interesse da mídia nesta prática (se comparado a outros produtos contrabandeados) e a ação das agências repressivas. Trata-se de uma tentativa de análise geográfica das relações de poder encontradas na prática do contrabando de agrotóxicos nesta região.

Foi organizado um banco de dados de notícias que documentou a movimentação das apreensões de agrotóxicos contrabandeados; foram realizadas e transcritas entrevistas com representantes desta densa rede; trabalhos de campo permitiram visualizar elementos desta rede; cartogramas descrevendo os fluxos e fixos deste contrabando foram elaborados, a fim de permitir a visualização de sua configuração espacial.

A partir de entrevistas com pessoas envolvidas diretamente com o contrabando, foram traçadas as rotas do agrotóxico contrabandeado que chega ao Rio Grande do Sul. O produto que sai da Índia e da China (Shangai) desembarca em Nueva Palmira, Uruguai, de onde é levado até Rivera, de onde é atravessado até Livramento para entrar no Rio Grande do Sul ou então sobe a Assunción, Paraguai com destino ao Mato Grosso do Sul e Paraná pela fronteira paraguaia.

Apesar de a mídia tratar com exatidão o tema do contrabando de agrotóxicos, as entrevistas com os atores desta rede se mostraram mais efetivas no entendimento da prática. A geografia aparece como uma excelente ferramenta para fazer a análise proposta, já que o conceito de territorialização dá conta do rebatimento material das redes de contrabando de agrotóxicos. A metodologia escalar mostrou-se útil na análise das articulações dos nós da rede de promotores e detratores do contrabando.